

O (des)engajamento musical e moral de licenciandos/as em música: resultados parciais de um estudo realizado na EMUFRN

GTE 11 - Educação Musical, Psicologia Cognitiva e Habilidades Musicais

Comunicação

Carlos Antonio Santos Ribeiro
UFRN
ribeirocarlos17@gmail.com

Mário André Wanderley Oliveira
UFRN / UERN
mario.andre@ufrn.br

Resumo: Esta comunicação traz resultados parciais de uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo é investigar a inter-relação entre engajamento musical (*Musicking*) e (des)engajamento moral de Licenciandos/as em Música nas áreas comuns da EMUFRN. O estudo, realizado com base em proposições teóricas de Small (1998) e Bandura (2007), é recorte de uma pesquisa mais ampla do Grupo de Estudos e Pesquisas em Música (GRUMUS). Caracteriza-se como um *survey* interseccional baseado na internet, com uso do questionário on-line autoadministrado. Na amostra, composta por 41 licenciandos/as, 85,4% dos/as participantes apresentaram, em suas respostas, ao menos um mecanismo de desengajamento moral, o que nos leva a refletir sobre o lugar da ética sonoro-musical na formação inicial de professores/as de música.

Palavras-chave: Engajamento musical; Engajamento moral; Áreas comuns.

1. Introdução

Esta comunicação traz resultados parciais de uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo é investigar a inter-relação entre engajamento musical (*Musicking*) e (des)engajamento moral de professores de música em formação. O estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento do Grupo de Estudos e Pesquisa em Música (GRUMUS), o qual é vinculado à Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN).

O meu contato com o tema teve início em minha própria formação inicial como professor de música, quando experienciei e testemunhei desconfortos gerados pela produção sonoro-musical do prédio em que meu curso funcionava. Na maioria das vezes, praticava o clarinete em salas de estudo, isso porque não me sentia confortável ao tocar nas áreas comuns do prédio, seja por avaliação dos outros e/ou pessoal. No entanto, essa atitude não era

comum entre boa parte dos meus colegas, os quais se sentiam confortáveis para tocar em diferentes lugares do prédio, incluindo as áreas comuns.

Percebi que esse hábito era comum em outras instituições quando ingressei no mestrado em Música na EMUFRN. Tal unidade acadêmica, campo empírico deste estudo, tem, nos turnos matutinos, vespertinos e noturno, discentes, de diferentes cursos e naipes de instrumento, praticando informalmente ou estudando nas áreas comuns nos dois pisos do prédio. Vale ressaltar que o edifício foi construído em 1991 e segundo estudos de D'Amore e seus colaboradores (2011), a arquitetura do prédio hoje já não consegue mais atender às demandas em seu interior. Isso em virtude do crescimento da oferta de cursos técnicos, de graduação (licenciatura e bacharelado), pós-graduação e de extensão.

Nesse sentido, como resultado, temos um aumento da pressão sonoro-musical causada pela prática musical nas áreas comuns da unidade. Ao estudar o tema junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Música da EMUFRN (GRUMUS), percebi que reclamações da comunidade acadêmica na ouvidoria da unidade eram comuns. Houve, inclusive, uma campanha de conscientização sonoro-musical denominada *#EuRespeitoOsSeusOuvidos*, no ano de 2014, na EMUFRN. Isso aconteceu após profissionais do departamento de fonoaudiologia analisarem o nível de pressão sonora na escola e concluírem que o som produzido nas áreas comuns da unidade estava acima da medida adequada para os ouvidos. Indicaram ainda haver o risco de danos à saúde mental e física da comunidade acadêmica.

A partir disso, refletindo sobre tais situações e acompanhando a fase de desenvolvimento do estudo no GRUMUS, defini a seguinte questão para a minha pesquisa: como se inter-relacionam o engajamento musical e moral de licenciandos/as em música da EMUFRN? O objetivo desta comunicação é, portanto, apresentar os resultados parciais do *survey* interseccional realizado com licenciandos/as em música sobre a sua prática musical nas áreas comuns da EMUFRN.

2. Bases teóricas

O estudo está ancorado nos pressupostos teóricos sobre *musicking* - ou engajamento musical - (SMALL, 1998) e (des)engajamento moral (BANDURA, 2007). *Musicking*, segundo Small (1998), se dá numa perspectiva social e, por isso, o fazer música não se limita à produção

sonora, mas, sobretudo, ao fenômeno social como todo que engloba, envolvendo as pessoas, as experiências e vivências no ambiente. Por isso, o conceito de *musicking* abrange qualquer engajamento com a música, seja de forma ativa ou receptiva, como, por exemplo: em um concerto de música no teatro, o músico instrumentista (agente ativo) que está performando no palco e o vendedor de pipocas (agente receptivo) no lado de fora do teatro estão engajados com a música no mesmo contexto e no tempo, mas de forma diferentes.

A pesquisadora canadense Susan O'Neill (2016) propôs a noção de Engajamento Musical Transformativo (EMT) numa perspectiva pedagógica musical e psicológica direcionada ao ensino e aprendizagem. Para ela, o/a estudante de música está inserido num processo contínuo de tornar-se, em desenvolvimento musical através de contextos particulares e de ecologias culturais.

No Brasil, temos os estudos etnomusicológicos de Suzel Reily que adaptou o conceito de Small (*musicking*) para música local, situado no contexto de comunidades de prática. Para Reily (2018), a música local estaria além do tocar ou do apreciar. Está na dinâmica de construção social, nas inter-relações e vivências construídas no espaço e no tempo.

As proposições teóricas do conceito de engajamento musical apresentados acima seguem perspectivas epistemológicas diferentes. O constructo teórico que mais se aproximou das demandas do presente estudo foi o conceito de *musicking* proposto por Small (1998). Este foi adaptado para "engajamento musical", por estar alinhado às questões de pesquisa e abordagem teórico-metodológica do trabalho.

Já as proposições referentes ao Desengajamento Moral são oriundas da Teoria Social Cognitiva desenvolvida por Bandura (1986). Para ele, as pessoas são agentes comunitários ativos e reagentes pela inter-relação estabelecida com o ambiente social, onde o próprio ambiente pode ser o agente transformador de comportamentos e moral também. Para que isso ocorra, Bandura propôs ainda o conceito de autorregulação como uma das dimensões da teoria social cognitiva.

A autorregulação é a capacidade de regulação do próprio comportamento e, de acordo com Bandura (1986), é orientada pela Agência Moral. Essa característica funciona como uma bússola, orientando comportamentos a partir das interações, influências cognitivas, afetivas e sociais (AZZI, 2011). Entretanto, alguns comportamentos são vistos como antiéticos e, nesse sentido, Bandura propôs o constructo teórico de Desengajamento Moral, o qual contempla oito mecanismos psicossociais. Cada mecanismo funciona de acordo com a incidência da

conduta repreensível no nível individual ou coletivo, nos efeitos repreensíveis e/ou na vítima do comportamento. Portanto, não há uma ordem de incidência cronológica no desenvolvimento de ações antissociais dos indivíduos. Para esta comunicação, optamos por elencar de forma numérica os mecanismos para facilitar o entendimento do comportamento visto como antiético.

Nesta perspectiva, os oitos mecanismos de desengajamento moral são: 1) *justificativa moral*, 2) *comparação vantajosa* e 3) *linguagem eufemística* que se referem a uma “conduta repreensível” e operam de forma camuflar um comportamento destrutivo, tido como “boa conduta”. Já os mecanismos de 4) *deslocamento de responsabilidade* e 5) *difusão da responsabilidade* atuam como manipulação do sentido do envolvimento no comportamento destrutivo (BANDURA, 2016), podendo ser um (des)engajamento moral parcial ou total quando transferida a culpa antiética para outra pessoa. O mecanismo de 6) *minimização, ignorância ou distorção das consequências* é resultado de “efeitos repreensíveis”. E por último, os mecanismos 7) *desumanização* e 8) *atribuição de culpa* se referem a “vítima”, a conduta antiética é atribuída ao receptor das ações.

3. Metodologia

A pesquisa se configura como um *survey* interseccional na internet. O período da coleta de dados durou três meses e dez dias, nos anos de 2019 e 2020. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário on-line autoadministrado através da ferramenta do Google Formulários, com a técnica de pesquisa conhecida como *snowball sampling* ou “bola de neve” (COHEN; MANION; MORRISON, 2007). Vale ressaltar que inicialmente o estudo seria uma pesquisa ação, com a aplicação de entrevistas, porém, em decorrência da pandemia da Covid-19, foram feitos ajustes no design metodológico da pesquisa.

A técnica “bola de neve” consiste numa técnica de amostragem não probabilística, em que os primeiros respondentes do questionário indicam e/ou compartilham convite com novos participantes, até que haja uma rede de amostragem de saturação suficiente para os pesquisadores terem conhecimento do objetivo alcançado. A escolha dessa técnica ajudou no compartilhamento do questionário online ou de forma física entre a comunidade da Escola.

As etapas metodológicas do estudo foram: 1) envio do questionário a todos/as os/as discentes da Escola por meio do sistema acadêmico; nas redes sociais do GRUMUS; fixação de

cartazes com QR code em diversos pontos da Escola; e apoio de demais docentes e discentes na divulgação da pesquisa e seu questionário. Nesta comunicação, exclusivamente, são apresentados dados da amostra dos/as licenciandos/as em música da EMUFRN.

4. Resultados

A amostra escolhida deste estudo foi composta, exclusivamente, por licenciandos/as em música, totalizando 41 participantes. A escolha dessa amostra se deu porque o pesquisador autor é licenciado em música e desde o ano de 2019 tem trabalhado com a comunidade discente em formação e em uma das linhas de pesquisa do Grumus. Dessa amostra, 8 estudantes além da licenciatura cursam o técnico de nível médio. A maior parte da amostra está na faixa etária que vai dos 21 aos 25 anos de idade e, em seguida, os discentes (8) que indicaram ter entre 31 a 35 anos. Sobre a identidade de gênero, os respondentes são em sua maioria 65,9% do gênero masculino e 34,1% do gênero feminino.

Quanto à cidade em que esses participantes residem atualmente, a maioria (26) indicou residir em Natal-RN, cidade sede da EMUFRN. É importante ressaltar que para alguns estudantes, a Escola é o único espaço para estudo e prática instrumental em Natal, já que muitos moram em outros municípios. Ao serem questionados/as sobre a prática musical na EMUFRN, a maioria (n=30; 73%) indicou praticar instrumento ou canto na Escola. E, desses, metade afirmou praticar nas áreas comuns do prédio.

Aos discentes participantes que indicaram praticar na escola foi perguntado o tipo de instrumento que tocam. A maioria declarou tocar cordas percutidas e/ou mais de um instrumento musical nas áreas comuns da EMUFRN. A frequência da prática em diferentes lugares da Escola apontou para o local da sala de aula como aquele em que os discentes usam algumas vezes para praticar o instrumento, seguido do local de estacionamento do prédio. Quanto ao hall da EMUFRN, nove discentes indicaram praticar algumas vezes também. Já nos locais reservados como o miniauditório e estúdio, a amostra sinalizou entre 43,3% e 66,6% para nunca nesses locais.

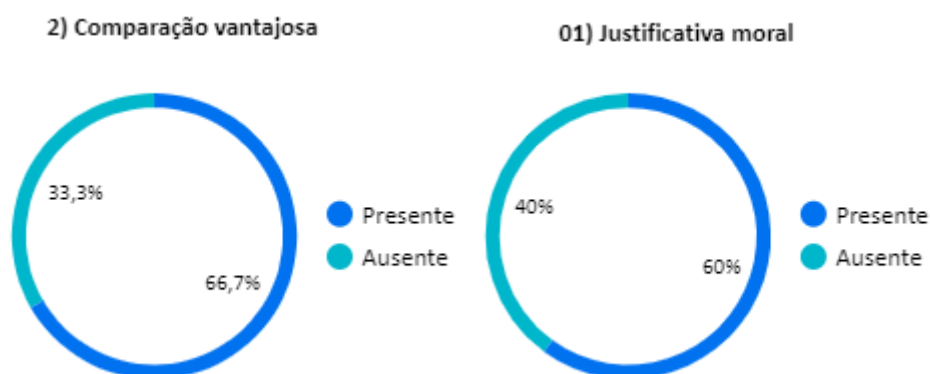
Ao cruzar os dados da amostra da frequência da prática no estacionamento da Escola com a percepção de conforto dos licenciandos/as nesses espaços, percebeu-se que mais da metade (53,3%) não se sente confortável em praticar no estacionamento da Escola. Foi observado que os mesmos lugares (área da cantina, cajuero, estacionamento, corredores,

hall do Curso de Iniciação Artística - CIART) apontados como nada confortáveis pela maioria dos respondentes, também são aqueles que nunca ou que raramente são os locais de engajamento musical. Já aqueles/as que indicaram não praticar na EMUFRN (n=11), 81,9% da amostra respondeu que “não é o foco do curso”. Outras respostas aparecem com a mesma porcentagem (9,1%): “pratico fora da escola” e/ou “falta-me tempo”.

Outro fator questionado aos discentes foi sobre as interações do sujeito ao praticar nas áreas comuns e a sua percepção de como reagem à sua prática. 33,3% deles não percebem a reação dos outros, 26,7% percebe que as outras pessoas são indiferentes, 20% admiram e 13,3% se sentem incomodadas com sua prática musical nas áreas comuns. Entretanto, ao cruzar novamente os dados, foi perceptível que a forma como os discentes reagem à prática musical nas áreas comuns mostra que 33,3% é com incômodo, seguidos da mesma porcentagem (20%): com indiferença e normalmente. Para aqueles que praticam nas áreas comuns, a autopercepção é quase nula ou indiferente.

Quanto à incidência de mecanismos de desengajamento moral daqueles que afirmaram praticar no prédio da EMUFRN foi identificada em 85,4% da amostra (n=41) dos Licenciandos/as, a presença de, ao menos, um mecanismo de desengajamento moral. Essa porcentagem aumenta quando filtrado a metade da amostra daqueles/as que declararam praticar nas áreas comuns da Escola. O mecanismo mais presente nas respostas foi a *comparação vantajosa* com dez incidências (66,7%). Em segundo lugar, a *justificativa moral*, se destacou com nove respostas (60%). Já os mecanismos menos presentes nas respostas foram a *minimização, distorção ou ignorância das consequências e linguagem eufemística*, seguidas do mesmo número de porcentagem (6,7%) cada.

Gráfico 1: mecanismos de (des)engajamento moral mais presentes



Fonte: autor (2021)

Gráfico 2: mecanismos de (des)engajamento moral mais ausentes



Fonte: autor (2021)

Os mecanismos de *comparação vantajosa* e *justificativa moral* indicados na amostra residem no lócus da Conduta Repreensível que, de acordo com Bandura (2007), ocorre quando o indivíduo justifica a sua conduta “menos prejudicial” do que outras ao praticar o instrumento musical/canto nas áreas comuns da EMUFRN. Ou, ainda, como é o caso do mecanismo de *justificativa moral*, o discente procurar explicação moral de que a sua prática musical nas áreas comuns é uma justificativa para burlar a conduta, tal como: considerar não haver problemas em tocar nas áreas comuns ou considerar que, por haver salas disponíveis para prática musical, justifica-se a prática nas áreas comuns.

Foi identificado ainda que alguns mecanismos de desengajamento moral são mais “aceitáveis” do que outros pelas pessoas. Bandura indica que os mecanismos são resultados de conduta de interações sociais, por isso, a inter-relação entre engajamento musical e

desengajamento moral não está relacionada, estritamente, apenas ao volume sonoro-musical da prática, mas, também, aos aspectos cognitivos, comportamentais e da ética dos indivíduos. A literatura em Educação no Brasil apresenta estudos com o tema desengajamento moral na formação de docentes em formação - foco desse público neste estudo - em situações de bullying, por exemplo. No entanto, em Educação Musical temos estudos sobre a ética na pesquisa em música, porém, estudos quanto à ética do fazer educativo-musical numa perspectiva de formação de professores são incipientes. É importante discutir na academia sobre a formação ética do discente em música, seja do licenciatura ou bacharelado, a partir da inter-relação entre engajamento musical e engajamento moral.

5. Considerações finais

Nesta comunicação, foram apresentados dados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo objetivo tem sido investigar a inter-relação entre engajamento musical e moral de licenciandos/as em música da EMUFRN. Até o momento, os resultados mostram uma relação de engajamento musical e desengajamento moral entre os estudantes de licenciatura. A próxima etapa do estudo consistirá no aprofundamento das análises e cruzamento de variáveis pertinentes aos objetivos da pesquisa. Acredito que o tema possa subsidiar discussões a respeito da dimensão sonoro-musical, a partir da teoria social cognitiva, para se pensar situações comuns encontradas nas universidades, fomentando conscientização das pessoas no interior das escolas e em sua formação e futura atuação profissional.

Referências

AZZI, Roberta. Desengajamento Moral na Perspectiva da Teoria Social Cognitiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, n. 2, p. 208-219, 2011.

BANDURA, Albert. *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

_____. Impeding ecological sustainability through selective moral disengagement. *The International Journal of Innovation and Sustainable Development*, v. 2, n. 1, p. 8-35, 2007.

_____. *Moral disengagement: how people do harm and live with themselves*. Nova Iorque: Worth Publishers, 2016.

BASTOS, Juliana Carla. *Ética sonora e suas implicações na sociedade de João Pessoa*. 2019. Tese (Doutorado em Música) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. *Research Methods in Education*. 6. ed. New York: Routledge, 2007.

D'AMORE, Aline Dantas; SÁ, Danielle Caroline de; SILVA, Edmilza Borges da; OLIVEIRA, Fabrício Amorim Miranda de; ARAÚJO, Iuri Ávila Lins de; MONTENEGRO, Glielson Nepomuceno; ELALI, Gleice Azambuja. Avaliação Pós-Ocupação da Escola de Música da UFRN: um estudo da área comum. In: *II SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO; X WORKSHOP BRASILEIRO DE GESTÃO DO PROCESSO DE PROJETO NA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS*, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SBQP, 2011. Disponível: <<https://www.iau.usp.br/ocs/index.php/sbqp2011/sbqp2011/paper/viewFile/244/199>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

MOURA, Angelita Kleis Souza. *Musicking na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: um estudo sobre desengajamento moral e prática musical de estudantes da graduação em Música*. 2021. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Escola de Música, EMUFRN, Natal, 2021.

OLIVEIRA, M. A. W.; MOTA, Y. V. ; SILVA, I. S. ; PAIVA, L. L. G. ; RIBEIRO, C. A. S. ; PONCIANO, A. C. S. ; PAULO, S. R. ; GAULKE, T. G. . Musicking, lugares públicos e (des)engajamento moral: resultados iniciais de um estudo sobre a prática musical nas áreas comuns da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: *XV Encontro Regional Nordeste da ABEM, 2020. Anais do XV Encontro Regional Nordeste da ABEM, 2020*.

O'NEILL, Susan A. Transformative music engagement and musical flourishing. In: MCPHERSON, Gary E. (Org.). *The Child as Musician: A handbook of musical development*. 2a ed. Oxford: Oxford University Press Scholarship Online, 2016. p. 606-625.

REILY, S. A.; BRUCHER, K. . Local Musicking: An Introduction. In: Suel Ana Reily; Katherine Brucher. (Org.). *The Routledge Companion to the Study of Local Musicking*. 1ed. Nova Iorque: Taylor & Francis, 2018, v. , p. 1-12.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Hannover NH: Wesleyan University Press, 1998.